

## O QUE É ISTO – A FILOSOFIA?

Jorge Miranda de Almeida\*

---

**RESUMO:** Esta comunicação pretende dialogar com Heidegger a partir da conferência *O que é isto – a Filosofia* como parte da I Semana Acadêmica de Filosofia da UESB-BA. A provocação estabelece um diálogo com Hegel, Deleuze e Foucault e suas respectivas posições em relação à resposta e ao posicionamento sobre o que constitui o “isto” da filosofia nos dias atuais. Heidegger está preocupado com um pensamento técnico e que despersonaliza e dificulta o encontro do ser-aí com aquilo que deve ser pensado e que ele denomina como o impensado, exatamente porque prisioneiro de um tempo pragmático e imediato o homem não tem condições de colocar-se a escuta daquilo que lhe possibilita o encontro consigo mesmo e que para Foucault é a condição de filosofar, isto é, o cuidado sobre si mesmo e como consequência com o ser do Outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger. Foucault. Hegel. Filosofia. Existência.

---

### 1 INTRODUÇÃO

Pensar a filosofia, pensar sobre a filosofia ou pensar com a filosofia no século XXI é um desafio mais árduo que o pensamento meditativo na concepção heideggeriana enfrenta em um tempo onde o pensamento está acostumado com um pensar que se contenta com as perfunctórias, as miudezas, a imediatez das teses prontas e pré-fabricadas. O homem técnico quer resultados, quer certezas, quer evidências. O pensamento filosófico procura demorar-se no próprio ato de pensar, é necessário ter maior cuidado como adverte Heidegger, “pois um tal cuidado exige primeiro que procuremos situar a questão num caminho claramente orientando para não vagarmos através de representações arbitrárias e ocasionais a respeito da filosofia” (HEIDEGGER,

---

\* Jorge Miranda de Almeida, prof. titular do DFCH da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Memória Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: mirandajma@gmail.com



1978, p. 19), isto é, o cuidado, a serenidade, a demora é uma propedêutica ao pensamento reflexivo e que precisa tempo, “pois só aprendemos a pensar se temos gosto pelo que em si é o que cabe cuidar cuidadosamente” (HEIDEGGER, 2008, p. 112). Isto posto, demorar no pensamento como a casa do que constitui o humano é não compactuar com as asneiras ditas com profundo tom erudito e que presenciamos em eventos acadêmicos, religiosos, políticos, noticiários, revistas, livros, etc.

Esta conferência está ancorada nas reflexões desenvolvidas por Heidegger na conferência homônima desenvolvida em 1955 – *O que é isto – a Filosofia?*, na *Introdução à História da Filosofia* (e na *Fenomenologia do Espírito de Hegel*; em *O que a filosofia?* de Gilles Deleuze e Félix Guattari e por fim na *Hermenêutica do sujeito* de Michel Foucault. A opção por refletir a partir de pensadores tão distantes no tempo e tão contraditórios entre si é proposital e é uma marca fundamental do exercício filosófico. E o que quer dizer isto? Simplesmente que a contradição é *uma* condição especial para inaugurar o pensamento, isto é, inaugurar a filosofia, um pensar repetitivo e reproduzido não é filosófico. Como inaugurar o pensamento?

Heidegger na obra citada afirma que “a filosofia não é uma questão que uma espécie de conhecimento se coloca a si mesmo (filosofia da filosofia)” (HEIDEGGER, 1978, p. 24), também não é uma questão que a história possa resolver, pois não se trata de saber da origem, como começou e se desenvolveu. A questão refere-se a essência da filosofia. Mas, essa referência não conduz a um círculo vicioso ou a uma fórmula vazia? Sendo assim, seria possível chegar a uma resposta autêntica sobre o que é a filosofia? O autor de *Ser e Tempo* parece escorregar da resposta à pergunta que se propôs e responde com um enigma:

[...] a resposta somente pode ser uma resposta filosofante, uma resposta, que enquanto res-posta filosofa por ela mesma. Mas como compreender esta afirmação? Em que medida uma resposta pode, na medida em que é res-posta, filosofar? (HEIDEGGER, 1978, p. 31).

Hegel na obra *Introdução à História da Filosofia* no capítulo sobre o conceito de Filosofia determina que “a filosofia é a flor mais elevada, é *o conceito* da estrutura total daqueles múltiplos aspectos, a consciência e a essência espiritual de todo o Estado, o



*espírito da época*, enquanto espírito existente que es pensa” (HEGEL, 1983, p. 221) e continuando sua definição afirma, tese que será fundamental no desenvolvimento desta conferência: “ mas chegou a época não só de filosofar, mas também de existir uma *determinada* filosofia de um povo, a qual deve desenvolver-se” (HEGEL, 1983, p. 222).

Deleuze e Guattari em *O que é a filosofia?* retomam a pergunta heideggeriana e se posicionam: “Simplesmente chegou a hora, para nós, de perguntar o que é a filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo e já tínhamos a resposta que não variou: a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10) após denunciarem o roubo descarado e a apropriação indébita que outras ciências fizeram do que é próprio da filosofia tentando apropriar-se do que é tarefa da filosofia, como é possível constatar na seguinte citação.

Mais perto de nós, a filosofia cruzou com muitos novos rivais. Foram a princípio as ciências do homem, e notadamente a sociologia, que desejava substituí-la. Mas como a filosofia tinha cada vez mais desconhecido sua vocação de criar conceitos, para se refugiar nos Universais, não se sabia mais muito bem qual era a questão. Tratava-se de renunciar a toda criação do conceito em proveito de uma ciência estrita do homem [...] depois foi a voga da epistemologia, da linguística, ou mesmo da psicanálise – e da análise lógica. De provação em provação, a filosofia enfrentaria seus rivais mais insolentes, cada vez mais calamitosos, que Platão, ele mesmo não teria imaginado em seus momentos mais cômicos. Enfim, o fundo da vergonha foi atingido quando a informática, o marketing, o design, a publicidade, todas as disciplinas da comunicação, apoderaram-se da própria palavra conceito, e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os *conceituadores* (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 19).

A tese sustentada por Guattari e Deleuze entra em sintonia com a proposta heideggeriana, pois se os primeiros afirmam que a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos e que criar conceitos sempre novos, é o objeto por excelência da filosofia, o pensador da Floresta Negra insiste que a Filosofia se escamoteou de sua tarefa de criar ao contentar-se com a representação de um pensar fácil demais e adquirido em qualquer estante de mercearia. Ora, quem representa não tem a disponibilidade para criar, logo, não é capaz de inaugurar o pensamento, logo não está filosofando, por isso o convite a pensar o que é isto – a filosofia, tem um sabor especial, pois é uma ocasião para refletirmos sobre a sentença de Deleuze: “os filósofos



não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhe são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, cria-los, afirma-los” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13).

Finalmente para concluir esta introdução, Michel Foucault na obra singular *Hermenêutica do sujeito* define a filosofia:

Chamemos de “filosofia”, se quisermos, essa forma de pensamento que se interroga, não certamente sobre o que é verdadeiro e sobre o que é falso, mas sobre o que faz com que haja e possa haver verdadeiro e falso, sobre o que nos torna possível ou não separar o verdadeiro do falso. Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito a verdade (FOUCAULT, 2010, p. 15).

Após a explanação das fontes que me permitiram construir este texto em homenagem à I semana Acadêmica de Filosofia, da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, passarei a explicar o que penso como resposta à provocação heideggeriana, utilizando ora como rivais, ora como companheiros Hegel, Foucault e Deleuze na tentativa de pensar e possibilitar ao ouvinte outras possibilidades ou armadilhas do pensamento, nunca uma certeza ou evidência. De uma coisa aprendi ao longo do exercício e do aprendizado filosófico, nunca me fiar em certezas e a esse respeito, Deleuze afirma: “até o presente momento, tudo somando, a cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso, mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 14).

## 2 O QUE É ISTO A FILOSOFIA?

Uma vez que não somos detentores da verdade e que consoante os ensinamentos de Hegel na *Fenomenologia do espírito* a tarefa filosófica consiste na atualização do conceito em direção ao espírito absoluto, isto quer dizer, simplesmente que o ato



filosófico pressupõe como condição interna a superação do pensamento imediato, o que nos coloca já uma primeira questão: o pensar não é um ato gratuito da razão. Se não há uma gratuidade, o que requer como condição do filosofar muito mais do que inteligência é o esforço e a seriedade no rigor do pensamento em direção à verdade que se encontra na condição da universalidade do conceito. Talvez, é nessa atmosfera que Heidegger afirma na conferência *O que quer dizer pensar?* “que ainda não pensamos” (HEIDEGGER, 2008, p. 114). Qual é o argumento utilizado para uma afirmação que deixa indignado e perplexo os acadêmicos das mais renomadas academias filosóficas no Brasil e no mundo?

A resposta não pode ser conclusiva e, esta sem ironia, não é uma alusão a obra kierkegaardiana *Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas*, pois, uma leitura apressada pode confundir as categorias do pensador dinamarquês com os conceitos hegelianos e heideggerianos. Mas o indicativo para a provocação de que ainda não pensamos pode ser porque ainda não nos movemos no elemento próprio do pensar e nos contentamos com o representar o pensar. E o que quer dizer isto? Isto quer dizer que não nos movemos, não experienciamos o a-se-pensar do pensamento em sua peregrinação para à verdade. Novamente, a atitude de demorar, de esperar como avançar diante e no interior do pensamento. Afirma Heidegger:

Esperar quer dizer aqui: manter-se alerta e, na verdade, no interior do já pensado em direção ao impensado, que ainda se guarda e se encobre no já pensado. Através de uma tal espera, justamente já pensando estamos em via de nos encaminarmos para o que cabe pensar. Esta via pode ser um extravio. Ela permaneceria porém marcada pela disposição de corresponder àquilo que cabe pensar cuidadosamente (HEIDEGGER, 2008, p. 120).

Explicando melhor, o homem é um ser situado num determinado contexto sócio-político-econômico-cultural-religioso-simbólico que é em nossa época denominado como o mundo da *tékhné* e de uma objetividade planificadora e uniformizadora das vontades, dos conhecimentos, dos indivíduos. Nesse sentido, o homem atual é determinado pelo conjunto desses respectivos valores e estratégias que determinam o esquecimento do ser como condição do filosofar dialogante com a Tradição, mas sobretudo, consigo mesmo. Nesse tempo cronometrado e comercial como tornar-se



sujeito dos valores se não houver uma interferência, uma ação consciente, um movimento pessoal numa perspectiva de transformação de si e do meio em que está inserido? E como construir as referências para essa intervenção sem uma profunda demora no pensar para discernir o que é efêmero daquilo que é o que dá-a-se-pensar? Em última instância, é chegar a uma compreensão radical do si-mesmo enquanto porvir, pois “o projetar-se ‘em função de si mesmo’, fundado no porvir, é um caráter essencial da existencialidade” (HEIDEGGER, 1989, p. 122).

Heidegger na conferência *O que é isto – a filosofia?* problematiza a questão da filosofia em sua época e que tem a mesma tessitura nos tempos atuais. A resposta à pergunta só é possível mediante o diálogo estabelecido entre o leitor e os filósofos, pois é necessário que discutamos:

[...] com eles aquilo de que falam. Este debate em comum sobre aquilo que sempre de novo, enquanto o mesmo, é tarefa específica dos filósofos, é o falar, o *légein* no sentido do *dialégesthai*, o falar como diálogo. Se e enquanto o diálogo é necessariamente uma dialética, isto deixamos em aberto (HEIDEGGER, 1978, p. 30).

A tarefa específica da filosofia consiste em dialogar com a Tradição (os filósofos) mas, contextualizando o diálogo no hoje do ser-homem numa memória sempre presente que só se presentifica no retorno à fonte, é nesse lugar “o que nos atém ao modo próprio de ser aí nos atém somente à medida que nós, a partir de nós mesmos, guardamos isso que nos atém. Nós o guardamos e não o deixamos fugir da memória. A memória é a concentração do pensamento” (HEIDEGGER, 2008, p. 111).

O esforço heideggeriano consiste em propor ao homem uma alternativa ao mundo da técnica que o retira da sua essencialidade e do encontro consigo mesmo que acontece paradoxalmente no ato de pensar o impensado como sustenta Jean-Luc Marion em *Du pareil au même ou: comment Heidegger permet de refaire de l’histoire de la philosophie* (1983). E pensar o impensado é estar se movimentando numa dinâmica que não é propriamente da filosofia concebida enquanto sistema, porque ela não consegue atingir que o essencial não é dado ao pensamento, embora seja a condição do pensar, como ele afirma em *O que quer dizer pensar?*



O que cabe pensar desvia-se do homem. O que cabe pensar retrai-se para o homem à medida que dele se retira. O que se retira, porém, sempre já se nos mostrou. O que se retrai no modo de um retirar-se não desaparece. Como então saber o mínimo que seja a respeito disso que assim se retrai? Como sequer nomeá-lo? O que se retrai recusa o encontro. Retrair-se não é, porém, um nada. Retração aqui é retirada e enquanto tal – *acontecimento*. O que se retrai pode concernir ao homem de maneira mais essencial e reivindicá-lo de modo mais próprio do que algo que aí está e o atinge e o afeta (HEIDEGGER, 2008, p. 116).

O acontecimento que mantém o ser-aí desperto e atento pode ser denominado como o cuidado que é a condição fundamental para que o homem se posicione no cotidiano que o massifica e o encaminha para o caminho da inautenticidade. O cuidado é um dos pilares da filosofia heideggeriana e, nesse sentido, a possibilidade de uma resposta autêntica a pergunta o que é isto – a filosofia? pois estabelece que a presença deve ter apreendido sua possibilidade de não só tornar transparente para si mesma sua existência, “mas também questionar o sentido da existencialidade em si mesma” (HEIDEGGER, 1988, p. 48). Ora, o que é questionar o sentido da existência e da existencialidade em si mesma senão a condição do tornar-se atento como diria na língua grega que Heidegger tanto preza, *a enkráteia* (o domínio de si sobre si)?

Porque em verdade não encontraremos resposta à pergunta o que é a filosofia nos enunciados históricos sobre as definições da filosofia, como bem havia definido Heidegger, “mas através do diálogo com aquilo que se nos transmitiu como ser do ente” (HEIDEGGER, 1978, p. 33). Só este corresponder é propriamente denominado filosofia. Corresponder significa então: “ser-disposto” a saber a partir do ente. A questão agora é: como o homem atual que é condicionado e massificado pode desenvolver a disposição para a correspondência com “isto” que é a filosofia? como ele pode de-morar no pensar que não esteja submetido às disposições dos ânimos e dos afetos? Qual é a disposição que mergulha o pensamento atual? A resposta do autor de *Ser e tempo* é dramática: dúvida e desespero de um lado e cega possessão por princípios que se confrontam; medo e angústia misturam-se com confiança e esperança. Há, no entanto, uma espécie de tirania exercida pela rigidez e frieza do cálculo que expulsa do homem o que ele tem de mais humano dentro de si.





Nesse contexto nos deparamos com uma questão crucial: no mundo técnico em que tudo é uniformizado e padronizado como resgatar a originalidade do filosofar? Em um contexto em que tudo tem preço e é medido em sua funcionalidade, eficiência e eficácia como demonstrar a validade do filosofar uma vez que este é destituído de preço uma vez que não é mercadoria? Como combater a recente promiscuidade editorial em que tudo é denominado de filosofia? É nessa atmosfera que retomo as contribuições de Hegel e, espero ser entendido pelos ouvintes, não no sentido ufanista, mas na condição de que o exercício filosófico possa oferecer uma alternativa a gigantesca destruição do sentido e da banalidade da vida.

O que predomina na sociedade atual ainda é o que Hegel denunciara em sua época: o rebaixamento do humano que se materializa na apatia e na indiferença. É exatamente nesse ocaso em que vivemos que a filosofia se faz necessária e torna-se fundamental a questão: o que é isto – a filosofia? Se chegou a hora como sentencia o autor da *Fenomenologia do Espírito* de filosofar e mais importante ainda, de existir uma determinada filosofia de um povo, é importante refletir nesse momento que filosofia seria essa e qual a relação da filosofia com a libertação desse povo. Ora, com essa tese, questiona-se uma postura muito forte nas faculdades de filosofia existentes no Brasil de que a filosofia não pode comprometer-se com as questões práticas, pois isso caberia as ciências humanas e sociais, pois a tarefa da filosofia seria pensar o conceito enquanto conceito, o ser enquanto ser.

Ora, se a resposta a pergunta o que é isto – a filosofia foi até aqui demonstrada em Heidegger como a busca do si mesmo, este si mesmo é o homem em sua historicidade, isto é, em sua temporalidade. Nesse aspecto Hegel afirma que “o verdadeiro ser do homem é, antes, seu ato; nele, a individualidade é efetiva” (HEGEL, 1992, p. 205), logo após, ele questiona o que constitui o caráter do ato, isto é, um Ser que se efetiva e se conserva ou apenas uma obra visada que some na sua nulidade. Hegel está correto ao estabelecer que os homens, de uma maneira geral não fazem nenhum esforço em superar e emergir da imediatez da vida substancial em que estão inseridos. Vive-se. Mas, ao homem em sua peregrinação, viver é muito pouco pois é assemelhar-se aos animais e





vegetais. É importante transformar a vida em existência, é preciso interferir. Como é possível?

A utilização das categorias viver e existir que a um leitor apressado pode parecer tangenciadas por interferências ou influências kierkegaardianas, são extraídas da própria obra de Hegel, embora não houvesse nenhum mal ou contradição o discípulo citar e utilizar o mestre como faz Kierkegaard em várias referências e elogios a Hegel. Ora, a atitude filosófica não é o fugir das condições e das contradições do existir e da existência para conceber um eu, um ser, uma realidade imaginários; pelo contrário, querer conhecer e reconhecer-se a si mesmo é a primeira condição para um filosofar que consiga sintetizar a sabedoria, a justiça, a temperança e a coragem como condições de produção de saber e de interferência na realidade onde existe e está situado.

É exatamente em épocas de barbárie que deve surgir um povo, uma cultura filosóficas, mas deve-se ater à preocupação de Hegel, de não se contentar com “uma filosofia da moda” (HEGEL, 1983, p. 251) mas deve-se entender que “o indivíduo é filho de seu povo, de seu mundo. O indivíduo pode orgulhar-se quanto quiser, porém não pode sair de seu mundo, porque ele pertence ao espírito universal único, que é sua substância e seu ser” (HEGEL, 1983, p. 253). E o que isto quer dizer: O próprio Hegel responde: “o que o espírito quer encontrar nela é este conceito que constitui já sua determinação interna e a raiz de sua existência, concebida como objeto para o pensar; o espírito quer reconhecer-se a si mesmo” (HEGEL, 1983, p. 253).

Pensar para que? Para compreender que o sentido do existir não reside em si como um ser egoísta e auto-suficiente, mas que encontra sua afirmação na vida de um povo, pois, é na vida “de um povo que o conceito tem, de fato, a efetivação da razão consciente-de-si e sua realidade consumada: ao intuir na independência do *Outro*, a perfeita unidade com ele; ou seja, ao ter por objeto, como meu *ser-para-mim*, essa livre coisidade de um outro, por mim descoberta –o que é o negativo de mim mesmo” (HEGEL, 1983, p. 222). Portanto, em Hegel a filosofia tem uma tarefa que responde à própria pergunta sobre o que é isto a filosofia. A filosofia é a relação do pensar o pensamento com a forma como o espírito existe, pois o espírito reveste este princípio



com toda a riqueza de sua existência; “a forma em que o princípio existe, é um povo em cujos costumes, organização política, vida doméstica, civil e pública, em cujas artes, relações externas do estado, etc...” (HEGEL, 1983, p. 246). Por isso Hegel determina que o pensamento deve ser separado de si mesmo, ser convertido em objeto e de novo aplicado a ele sua atividade (de pensar a si mesmo na diferença de si), pois este fazer “continua formando o antes formado, lhe dá mais determinações, fá-lo mais determinado, mais perfeito e profundo em si” (HEGEL, 1983, p. 247).

A pergunta O que é isto – a filosofia? segundo Deleuze não encontra a dis-posição necessária no estado democrático, pois este constitui apenas a história do capitalismo que impede o devir dos povos sujeitados e, é por isso, que a sentença hegeliana de que é chegada a hora de filosofar se coaduna com a determinação com que Deleuze sintetize a premissa posta por Heidegger da dis-posição necessária para o acontecimento do filosofar enquanto movimento da filosofia com a não filosofia, pois será desse movimento que surgirá uma nova filosofia e um novo povo, de forma que “o filósofo deve tornar-se não-filósofo, para que a não-filosofia se torne a terra e o povo da filosofia” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 142).

É nesse sentido que tenho discutido com os discentes sobre a diferença de filosofar e estudar filosofia, pois o primeiro, tomando a pergunta de Heidegger como exemplo, implica em colocar-se em movimento com o próprio pensamento, mas quem se coloca em movimento é um estudante nordestino, baiano, normalmente da região do sudoeste da Bahia, (recortando para o contexto onde a aula é ministrada) então, como ler Heidegger sem levar em consideração sua situação e seu contexto? E como fazer isto sem alterar a essência do pensar heideggeriano? A alternativa, apenas exercitando o pensar como foi dito no início dessa conferência. É preciso dialogar com Heidegger, desconstruí-lo, supera-lo, para só então poder afirmar a validade de um pensamento e de um pensador tão caro à filosofia, do contrário, deixar-se-á a atividade filosófica propriamente dita, para contentar-se em reproduzi-lo, em ideologizá-lo. Filosofar é exatamente o processo de atualizar o pensamento na reduplicação de atualizar-se a si mesmo enquanto ser concreto e relacional, portanto, não existe um filosofar puro,



desconectado da cultura, da história, da realidade, das pessoas de carne e osso e tutano nas veias como dizia Miguel de Unamuno.

Por isso é sensata a tese sustentada por Deleuze e Guattari que “a filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 78) e nessa abordagem fazer filosofia e ao mesmo tempo responder o que é isto a filosofia não é repetir o que os filósofos disseram, mas de produzir semelhanças e dessemelhanças, desnudando o já dito, a partir da inauguração de um pensar próprio entendido como atitude de recolhimento e de interioridade como condição necessária ao auscultar e estar atendo ao desvelamento daquilo que Heidegger denomina como o impensado, pois como demonstra na conferência *Serenidade* a esse respeito ele afirma que “a serenidade em relação às coisas e a abertura ao mistério dão-nos a perspectiva de um novo enraizamento. Que um dia poderá mesmo conseguir recordar, de uma nova forma, o velho enraizamento, que agora de desvanece rapidamente” (HEIDEGGER, 2001, p. 25).

Essa serenidade para Michel Foucault conduz ao cuidado de si (*epiméleia heautoû*) como uma espécie de agulhão “que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (FOUCAULT, 2010, p. 9). Talvez, essa seja a melhor resposta para a provocação heideggeriana sobre o que é isto – a filosofia? Filosofia é esse processo, esse movimento, esse deslocamento, essa desterritorialização do saber para a dilaceração de um homem sensível e imediato como sentencia Hegel para um si mesmo capaz de edificar (*aedificare*) (HEIDEGGER, 2008, p. 127) o sentido próprio do homem. Portanto, filosofia é a ação reflexiva do processo de edificar o que constitui o essencial do homem: tornar-se homem, concretizar a possibilidade do projeto do ser homem em edificar, habitar e construir esse homem como define Heidegger em *Construir, habitar, pensar*.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Ao aceitar o convite para proferir a palestra de abertura da I semana acadêmica de Filosofia da UESB, o título *O que é isto – a filosofia?* já me fora designado porque constituiu o tema que orientou a semana acadêmica. Tarefa ingrata e dadivosa, pois dialogar com o professor Heidegger é sempre uma das experiências mais provocadoras da filosofia. Ele não dogmatiza, mas, por ser coerente com sua perspectiva de um pensar poetante onde as musas da poesia e da linguagem dão os movimentos da reflexão, insinua provocações e ensinamentos onde o leitor pode ou não enveredar pelo convite de um pensar sem fundo, um pensar que supere a razão suficiente que exige um fundamento para o ser, pois para ser na Tradição filosófica tudo deve ter um fundamento. Heidegger recupera de Kierkegaard a importância do salto. O salto inaugura a segunda tonalidade da filosofia, isto é, não há necessidade de um fundamento do fundamento, há sim que se colocar no interior do pertencimento da essência do ser.

A provocação da destruição da filosofia como tarefa por excelência que compete a quem se destina a filosofar em um mundo impregnado da técnica e com ela da despersonalização e da uniformização do ser é compartilhado pelos autores que procurei dialogar com Heidegger como Deleuze, Hegel e Foucault. Dialogar não significa sentenciar verdades absolutas, mas refletir sobre possibilidades, pensamentos, do contrário, não estaria na dinâmica proposta por Heidegger e sim num exercício acadêmico de ensinar. Mas, como é possível ensinar aquilo que só se efetiva a medida que se pratica, que se exercita? Não constitui uma prepotência dos professores de filosofia ensinar o que pede para ser experienciado?

Experienciar é retomar a Tradição, os grandes pensadores e as grandes teses ao longo dos dois mil e quatrocentos anos de filosofia ocidental não como um passado que se recupera nos escritos e nos ensinamentos dos manuais de filosofia, dos dicionários de filosofia, dos tratados de filosofia; mas como um permanente diálogo em que o passado é recuperado como memória e este como o presente do pensamento como nos adverte Heidegger em *O que quer dizer pensar?* Escutemos o próprio autor: “a memória é a concentração do pensamento. Em relação a que? Em relação a isso que nos além ao modo próprio de ser, à medida que, ao mesmo tempo, o pensamos cuidadosamente junto de nós” (HEIDEGGER, 2008, p. 111). E onde estamos nós? No passado? Em algum



museu? Em alguma biblioteca? Não, nós estamos aqui inaugurando o pensamento e aceitando a proposta para atualizar a Tradição e ao mesmo tempo inaugurar a filosofia e poder meditar sobre isto que a constitui e constitui a razão de estarmos aqui.

### REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências.** 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Petrópolis: Vozes, 1988. v. I.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo.** Petrópolis: Vozes, 1989. v. II.

\_\_\_\_\_. **O que é isto – a filosofia?** 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

\_\_\_\_\_. **Serenidade.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** Petrópolis: Vozes, 1992. v. I.

\_\_\_\_\_. **Introdução à história da filosofia.** São Paulo: Hemus, 1983.



Jorge Miranda de Almeida

<http://lattes.cnpq.br/2956782107785595>

